

Prefácio

Trocas Fonológicas

Ler bem é sem dúvida muito compensador. Ler com consciência de tudo o que nesse comportamento está envolvido faz parte de ler muito bem. Ler mal é uma experiência terrível para quem quer tirar proveito da leitura e uma preocupação para quem tem por função formar bons leitores. Esta coleção de livros que Paula Teles tem vindo a produzir ocupa-se, de um modo muito particular, em ajudar leitores, principiantes ou titubeantes, a adquirir e a otimizar muitos dos processos e atitudes inerentes à leitura fluente.

Folheando os seus livros encontramos muita cor, muitos nomes divertidos, muitas histórias sedutoras, até música há. Mas para quem conhece a teia psicolinguística da leitura, sob o aparato gráfico e criativo, reconhece-se o foco nas traves mestras que sustentam a capacidade de ler. As propostas de trabalho apresentadas estão focadas nas unidades linguísticas que correspondem a unidades de processamento: nas letras, correlatos gráficos dos sons, nas sílabas de que se constroem as palavras, mas também nos grupos de letras que representam *clusters* pervasivos nas palavras e que ajudam ao seu reconhecimento visual. Estas unidades são tomadas como objetos em si mesmos, cuja forma visual e propriedades linguísticas são desencadeadoras de atividades de desenho, de repetição, de produção vocal. Tudo isto com o intuito de uma tomada de consciência e de uma automatização de todas as componentes básicas – perceptivas, cognitivas e linguísticas – que suportam as capacidades envolvidas na leitura fluente e na compreensão.

O foco aturado na identificação das letras e nos sons que representam, a insistência nos movimentos do desenho de cada letra e na produção dos sons com atenção a aspetos articulatórios ou acústicos, os jogos com a composição de palavras através das sílabas, retomam muito do que se tem feito tradicionalmente no ensino da leitura em Portugal. Mas o que é interessante é saber que essas propostas têm respaldo no que hoje se sabe intervir no processo de ler, através da investigação científica mais recente que se ocupa do processamento da língua escrita.

Nas propostas teóricas explicativas do processo de ler, está bem fundamentado o papel do conhecimento fonológico. É indiscutível a função crucial da capacidade de transpor a sequência gráfica em representações fonológicas; é essa etapa de processamento da informação verbal que contribui para a especificidade da leitura face ao oral, que permite distinguir a compreensão do lido da compreensão do ouvido. Mas, mais recentemente, sobretudo na discussão da aprendizagem da leitura em contextos adversos, não se negligenciam aspetos visuo-perceptivos que, a par de perfis atencionais específicos, criam dificuldade na focalização visual e no reconhecimento dos objetos gráficos que o impresso impõe.

Se a existência de um léxico ortográfico é determinante para um rápido e eficiente reconhecimento da palavra, ele constrói-se pelo reconhecimento e memorização de sequências de elementos discretos, as letras, que se agrupam de modos regulados ortograficamente, quase sempre dependentes de regras fonotáticas e morfológicas.

Nas propostas do Método Fonomímico, a criança aprende a reconhecer palavras, enquanto produto final de jogos fonémicos e silábicos. Privilegia-se uma estratégia *bottom-up*: dos elementos constituintes à forma constituída. E, num prosseguimento lógico, a palavra, agora na aceção de item lexical denotando um significado, vai ainda entrar em contraste com outras sequências que são quase palavras mas que nada significam: as pseudopalavras, em que a forma ainda precede o sentido.

A preocupação com a forma é sublinhada ainda com o uso da cor. Há um sistemático isolamento de elementos gráficos (letras, dígrafos, sílabas) por contrastes cromáticos. Na investigação sobre a leitura na dislexia e no contexto de défices visuo-percetivos, é hoje muito referido o “*crowding effect*”, que designa o efeito negativo que ocorre quando distratores visuais estão presentes em torno de um alvo que tem de ser identificado. Ora, com o artifício da cor, o alvo ganha saliência perceptiva e autonomiza-se, potenciando-se a probabilidade de ser melhor identificado quando isolado ou em contexto.

Letras entre letras, impressas em fontes gráficas não proporcionais e em caracteres despojados (não serifados) são muitas vezes origem de lapsos de perceção visual, até para o leitor hábil e, mais ainda, para aqueles que têm dificuldades de leitura. O método proposto por Paula Teles tenta obstar a este problema, por recurso a meios gráficos e visuais, que simultaneamente divertem e facilitam a perceção visual na leitura inicial ou em risco.

Também o trabalho proposto sobre o desenho das letras vai potenciar representações mentais dinâmicas complementares de representações ortográficas. A produção dos movimentos manuais envolvidos no desenho da letra manuscrita ativam redes neuronais sensório-motoras que estão ativas durante a perceção da palavra visual.

Assim, os exercícios de cópia e de desenho dos elementos gráficos, que antes apenas tinham o intuito de modelar a letra e adquirir uma caligrafia bonita e legível, vão ter impacto na formação de representações dinâmicas que contribuem para a elaboração de representações mentais mais ricas. Estas estarão assim mais aptas a apoiar comportamentos perceptivos e de reconhecimento de formas visuais, necessários à fase de acesso ao significado lexical e à integração proposicional. A automatização de processos perceptivos contribuirá para a redução de recursos cognitivos, necessários para tarefas mais complexas como as envolvidas na compreensão do texto.

O método proposto por Paula Teles, com uma forte orientação para a consolidação de representações visuais dinâmicas e representações fonológicas, prefigura-se como um contributo valioso na iniciação à aprendizagem da leitura mas, sobretudo, como uma opção

metodológica adequada às situações em que a natural complexidade do processo de ler se sobrepõem dificuldades adicionais, como as existentes na dislexia.

Maria Armanda Costa

Professora Auxiliar da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa

Investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa

- Bellochio, S. (2013). Developmental dyslexia, visual crowding and eye movements. In Stewart, L. C. (ed.). (2013). *Eye Movement: Developmental Perspectives, Dysfunctions and Disorders in Humans*, Publisher: Nova Science Publishers.
- Dehaene, S. (2009). *Reading in the Brain: The Science and Evolution of a Human Invention*. Penguin Viking.
- Kersey, A. J. and James, K. H. (2013). Brain activation patterns resulting from learning letter forms through active self-production and passive observation in young children. *Frontiers in Psychology*, Volume 4.
- Perfetti, Ch. (1999). *Comprehending written language: the blue print of reader*. In Mark, B. e Hagoort, P (Eds). *The neurocognition of language*. Oxford University Press, 167-208.
- Rayner, K., Foorman, B., Perfetti, Ch., Pesetsky, D. e Seidenberg, M. (2001). How psychological science informs the teaching of the reading. *Psychological Science in the Public Interest*, 2 (2).
- Snowling, M. J. and Hulme, Ch. (Eds.). (2005). *The Science of Reading: A Handbook*. Oxford: Blackwell Publishing Ltd.
- Vellutino, F. (2003). Literacy: Reading (Early Stages). In Nadel, Lynn (2003). *Encyclopedia of Cognitive Science*. NY: Nature Publishing Group.